

O Homem caminha no tempo. Percorre estradas que revelam as limitações da criatura. Conhece o presente e, na escuridão que envolve seu futuro, tenta perscrutá-lo. Há uma natural angústia, pois sabe que sua marcha o conduz a Deus, passando pela morte, mas ignora quando, onde. Todo julgamento do que lhe parece ser mais conveniente e oportuno ao seu bem pessoal ou coletivo participa dessas restrições. Ao seu estreito horizonte se sobrepõem as planuras infundas do divino.

Entretanto, o Criador, à luz da eternidade, para quem o ontem, o hoje e o amanhã e sempre são uma só realidade, guia com amor de pai seus filhos.

E quem segura com confiança, fonte da Fé cristã, a mão do Senhor, guarda a tranqüilidade, anda nas trevas como na claridade do dia. Sabe que Alguém, que alia à Onipotência a Bondade, o orienta a um porto seguro.

Esse é o quadro que caracteriza, hoje, a Nação brasileira.

Rezamos... e como! A oração, conforme nos ensina o Evangelho, sempre consegue — e em plenitude — seus efeitos. Contudo, estes não se identificam com nossos desejos. Diferentes dos que, em nossa ignorância, aspiramos; mas, certamente, os convenientes ao bem de cada um.

Como cristãos, temos a certeza de que as preces não deixaram de ser atendidas por Deus, mesmo quando o objetivo de nossos pedidos só aparentemente não foi alcançado. "Os meus pensamentos não são os vossos, diz o Senhor, os meus planos não são os vossos" (Is 55,8). A oração, quando autêntica, traz sempre consigo, ainda que implícito, aquele pedido fundamental que aprendemos de Jesus: "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6,10).

Revendo os episódios nesses dias de angústia, podemos divisar toda uma variedade de benefícios concedidos ao Brasil.

Um povo sofrido, na interação repentina, se une em solidariedade íntima e fecunda. Em torno do Presidente eleito Tancredo Neves e sua família, milhões de brasileiros se irmanaram por uma nobre causa.

Um homem, como líder político que amplia seu raio de ação e, com seu exemplo, abrange um vasto campo onde semeia valores de transcendental relevância para o futuro do Brasil. Seus padecimentos fizeram avultar a Fé cristã, simples, desassombrada e publicamente assumida. Ele bem encarnava a fome de Deus que caracteriza o nosso povo. Do mesmo modo, sublinhava o anseio de comunhão com o transcendente; a importância do espiritual e dos princípios religiosos.

Em um momento cultural que ameaça a santidade e a estrutura da Família, o País teve diante dos olhos a dignidade de um lar. A integridade do matrimônio, a estabilidade abençoada pelo Altíssimo e a força daí decorrente se revelaram na mensagem eloqüente da

esposa, veiculada de maneira tão expressiva pelos meios de comunicação social.

Todo o Brasil contemplou a grandeza de um político. Esse segmento da sociedade, tantas vezes malsinado — com ou sem razão — se elevou extraordinariamente. Um estadista que, ao longo de seus muitos anos de exercício do Poder, em vários níveis, com seus erros e seus acertos, criou uma imagem de competência e de honestidade. Soube colocar o bem do País acima dos interesses pessoais e das mesquinhas lutas pelas posições de mando. Literalmente, imolou-se pelo povo. E foi pensando nele que, até no último momento, ainda tentou adiar os cuidados médicos que se faziam mais urgentes.

Agora, permanece o apelo à união de todos, possível e desejável. Neste mês de dores, a Nação reencontrou o espírito de comunhão. Todos se descobriram irmãos, solidários pelo sentimento comum e por uma única aspiração.

O momento nacional está a exigir de todos nós uma tomada de posição lúcida e decidida, para que a eleição do Presidente falecido se transforme em compromisso nacional. Cumpre realizar o legado que ele nos deixou. Em sua enfermidade e morte — mais do que teria conseguido com a sua atuação política — ele nos transmitiu a lição mais preciosa: a de que podemos ter a esperança de uma Pátria melhor, edificada na justiça, na conciliação e na paz.

Todo esse calvário por que passou a Nação, leva-nos a colocar Deus em seu lugar central, quer na vida do povo, quer no campo social e político. Eu incluo, a título de exemplo, a santidade da Família, o respeito à vida violentada nos assaltos nas ruas e no seio materno, a honestidade no manuseio dos dinheiros públicos, os cargos a serviço da Pátria e não dos indivíduos, uma redistribuição equitativa das riquezas.

Esse período crítico requer uma homenagem aos ideais defendidos pelo Presidente eleito Tancredo Neves: o cumprimento da Lei Magna do País, numa demonstração necessária de maturidade política de todos os partidos.

Desta forma, saberemos que a última mensagem do Presidente eleito não caiu no vazio e que seu sacrifício não foi em vão.

Ao acolher com serenidade o desígnio divino, transformemos em um imenso esforço cívico a solidariedade nacional em torno do Presidente Tancredo Neves. Assim, os brasileiros realizarão o ideal ao qual ele dedicou a sua vida. Esse, o nosso dever. Podemos cumpri-lo. A prova aí está bem viva em nossa memória: um povo de mãos postas a rezar. Uma Nação que na angústia se volta para Deus possui valores que lhe assegurem um futuro promissor.